



miguilim

revista eletrônica do nefli

volume 9, número 3, set.-dez. 2020

VIVENDO NO TERCEIRO ESPAÇO: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES INTERCULTURAIS EM *TEMPO DE MIGRAR* *PARA O NORTE*, DE TAYEB SALIH



LIVING IN THE THIRD SPACE: AN ANALYSIS OF INTERCULTURAL RELATIONS IN *SEASON OF* *MIGRATION TO THE NORTH*, BY TAYEB SALIH

Shirley de Souza Gomes CARREIRA
Paulo Antunes BEZERRA

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

RECEBIDO EM 06/05/2020 • APROVADO EM 22/09/2020

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v9i3.2364>

Resumo

Segundo Bonnici e Zolin (2009, p. 257), a teoria e a crítica pós-colonialista derivam de uma íntima relação entre discurso e poder. Por um longo tempo, a visão do Oriente pelo Ocidente foi pautada por representações que serviram à ideologia da superioridade do europeu, levando consciente e deterministicamente à subordinação. Em *Orientalismo, o Oriente como invenção do Ocidente* (1990), Edward Said demonstra que a legitimação do controle do europeu sobre o Oriente deu-se por meio do estabelecimento de um construto negativo. Os fluxos migratórios do Oriente para o Ocidente, principalmente das ex-colônias para as

metrópoles, propiciaram o surgimento de identidades híbridas, construídas e vividas no que Bhabha, em *O local da cultura* (1998), denominou “terceiro espaço”. Há inúmeras obras de ficção na literatura contemporânea que promovem a representação das relações interculturais a partir do ponto de vista de personagens detentoras de identidades híbridas, que, do seu lugar de fala, lançam às culturas de origem e às de acolhimento um olhar crítico que nos permite refletir sobre a conjuntura política, social e cultural subjacente às tensões ainda presentes nas relações Oriente/Ocidente. Com o suporte teórico dos estudos pós-coloniais e culturais, este trabalho propõe a análise das relações interculturais em *Tempo de migrar para o norte*, de Tayeb Salih, focalizando em particular a figura do retornado, ou seja, do emigrante que retorna ao seu lugar de origem.

Abstract

According to Bonnici and Zolin (2009, p. 257), post-colonialist theory and criticism derive from an intimate relationship between discourse and power. For a long time, the vision of the East by the West was guided by representations that served the ideology of the superiority of the European, leading consciously and deterministically to subordination. In *Orientalism*, the East as an invention of the West (1990), Edward Said demonstrates that the legitimation of European control over the East came about through the establishment of a negative construct. On the other hand, migratory flows from the East to the West, mainly from the former colonies to the metropolises, led to the emergence of hybrid identities, built and lived in what Bhabha, in *The location of culture* (1998), called “third space”. There are countless works of fiction in contemporary literature that promote the representation of intercultural relations from the point of view of characters with hybrid identities, who, from their place of speech, have a critical look to the cultures of origin and host cultures, which allows reflection on the political, social and cultural conjuncture underlying the tensions still present in East / West relations. With the theoretical support of post-colonial and cultural studies, this work proposes the analysis of intercultural relations in *Season of Migration to the North*, by Tayeb Salih, focusing in particular on the figure of the returnee, that is, the emigrant who returns to his homeland.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Hibridismo. Relações interculturais. Tayeb Salih.

KEYWORDS: Hybridity. Intercultural relations. Tayeb Salih.

Texto integral

Em *Orientalismo, o Oriente como invenção do Ocidente* (1990), Edward Said descreve o longo processo histórico através do qual o Oriente foi virtualmente construído nos intelectos e nas mentes dos acadêmicos ocidentais e demonstra que a legitimação do controle do europeu sobre o Oriente deu-se por meio do estabelecimento de um construto negativo. A subalternidade está, portanto, intrinsecamente relacionada à ideia de hegemonia, com a qual forma uma oposição binária. Oposição esta que define as relações entre colonizador e colonizado e se

coloca no âmago da teoria pós-colonial, norteador o exame das obras literárias de autores que, escrevendo nas línguas europeias, são etnicamente não europeus.

O termo subalterno foi utilizado pela primeira vez na obra de Antonio Gramsci (2002), e se refere a pessoas na sociedade que são objeto da hegemonia das classes dominantes. No contexto da teoria pós-colonial, o escopo do termo foi ampliado no sentido de abarcar todas as minorias sociais que sofrem algum tipo de opressão, além de reportar-se à posição dos povos colonizados em relação à cultura dos colonizadores.

A questão da subalternidade tem sido especialmente relevante no âmbito dos Estudos Culturais, da teoria e da crítica pós-colonialista, que formam um *corpus* teórico essencial ao exame das obras produzidas por autores oriundos de ex-colônias. O debate crítico sobre o subalterno ampliou-se nos anos de 1980 com os *Subaltern Studies*, no Centro de Estudos de Ciências Sociais (CSSC) de Calcutá, cujos teóricos utilizam o termo “subalterno” para se referir a grupos marginalizados, que não possuem voz ou representatividade, em decorrência de seu *status* social. No texto seminal “Pode o subalterno falar?”, Gayatri Chakravorty Spivak (2010) questiona o modo como o pensamento europeu excluiu as demais regiões do mundo.

A “missão civilizadora” do Ocidente nada mais foi do que a imposição da duplicação dos modos, linguagem e mentalidade do colonizador. Ashcroft explica que “o discurso colonial encoraja o sujeito colonizado a “imitar” o colonizador, adotando os hábitos culturais do colonizador, hipóteses, instituições e valores” (ASHCROFT et al., 1998, p. 139). Bhabha (2007, p. 86) define o mimetismo colonial como “o desejo de um Outro reformado e reconhecível, como sujeito de uma diferença que é quase o mesmo, mas não completamente”, ou seja, ele identifica um grau de ambivalência que constitui esse discurso colonial, que se resume no desejo de ter o colonizado apenas parcialmente semelhante ao colonizador: “o efeito de uma mimesis colonial imperfeita, em que para ser anglicizado é enfaticamente não ser inglês” (BHABHA, 2007, p.87). Essa “mimesis falha” é intencional para que os países colonizados continuem precisando da missão dos colonizadores de reformar o outro.

Pode-se dizer que a literatura pós-colonial possibilitou a redescoberta do Oriente (CARREIRA, 2003), bem como reflexões sobre as diferentes formas de subalternidade nos países que foram colonizados. São muitas as obras contemporâneas que abordam a complexidade das relações interculturais nesses países e o seu efeito sobre as identidades. Algumas adotam a focalização do que denominaremos “retornados”, ou seja, de pessoas que emigraram para a metrópole com uma finalidade específica e que, no retorno, já não são mais as mesmas. Se por um lado, elas experimentam a sensação de inadequação, de estar fora de lugar, por outro, é esse olhar deslocado que permite ao leitor compreender o impacto e as consequências do colonialismo nas ex-colônias, mesmo após a independência; consequências essas de ordem, política, econômica e social.

O objetivo deste trabalho é examinar a representação das relações interculturais e seus efeitos sobre a identidade em *Tempo de migrar para o norte*, de Tayeb Salih, por meio da articulação entre os Estudos Literários e os Estudos

Culturais. Para tanto, partiremos do contexto histórico-político-social que serve de *background* ao romance para demonstrar como o autor aborda questões cruciais à teoria pós-colonial, como o hibridismo identitário, o sentido do pertencimento, e a representação ficcional dos mecanismos de exclusão que, ainda hoje, favorecem a subalternidade cultural no Sudão.

Publicado pela primeira vez em Beirute, em 1966, e considerado um dos mais significativos romances árabes do século XX, *Tempo de migrar para o norte*, de Tayeb Salih, narra a história de dois sujeitos pós-coloniais que viveram durante algum tempo como expatriados árabes e muçulmanos na Inglaterra e, mais tarde, retornam ao Sudão. Um deles é o narrador anônimo, cuja história se entrelaça à de Mustafa Said, personagem central do romance. Pertencentes a uma nação, que esteve sob controle britânico de 1899 a 1956 — os três últimos anos em administração conjunta com o Reino do Egito —, as personagens veem na ida para a antiga metrópole uma oportunidade de crescimento e aceitação. O romance trata do efeito desse encontro entre culturas na identidade das personagens e acompanha a trajetória de ambos após o retorno à terra natal. *Tempo de migrar para o norte* é um dos poucos romances da literatura pós-colonial de origem árabe que tem como figura central o retornado. O livro foi proibido pelo governo sudanês em 1989, por causa de seu conteúdo sexual. Entretanto, as questões nele abordadas mostram que a literatura continua sendo a arena onde as circunstâncias que geraram os binarismos culturais e os extremismos religiosos continuam a ser discutidas.

1 TEMPO DE MIGRAR PARA O NORTE: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DAS RELAÇÕES INTERCULTURAIS

A migração sempre fez parte da história humana desde os seus primórdios. São muitas as razões que levam os indivíduos a migrar: perseguições políticas ou religiosas, conflitos bélicos e questões econômicas. O ato de migrar implica, porém, o abandono do território de origem, do lugar onde lançamos raízes, que Augé (2012) denomina “lugar antropológico”, no qual nos construímos identitariamente. Significa também reterritorializar-se, viver em uma nova pátria, adquirir novos hábitos e costumes, romper alguns laços e estabelecer outros tantos.

A relação com o país de acolhimento é sempre conflituosa. De um lado, há a necessidade de integrar-se a uma nova cultura, de outro, a memória da terra natal e a herança cultural. Em geral, ao choque cultural segue-se um período de adaptação, em que o sujeito negocia com a nova cultura. O resultado dessa negociação é uma reconfiguração identitária, híbrida, gerida pela necessidade de integração à pátria de adoção e pela tradução cultural. A identidade híbrida surge concomitantemente ao que Bhabha (2007) denomina “terceiro espaço”, caracterizado por incorporar, simultaneamente, elementos de ambas as culturas, mas sem necessariamente estabelecer relações de pertencimento a nenhuma delas.

No caso específico de migrantes oriundos de países outrora colonizados, há uma tendência à emigração para a antiga metrópole, resquício da relação de

dependência cultural da época da colonização. Em *O retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador*, Albert Memmi (2007) enfatiza que a independência de um país não determina o fim do processo de colonização, porque mudanças de ordem política e social não ocorrem a curto prazo. Assim, as condições inerentes ao antigo sistema permanecem e servem de pilares para a estruturação social, política e econômica do novo país. Desse modo, visões estereotipadas herdadas do colonialismo continuam introjetadas na vida cotidiana.

A dependência cultural constitui um neocolonialismo, na medida em que os sujeitos oriundos das ex-colônias continuam a ver na metrópole um centro de poder econômico e intelectual. Não são poucos os jovens que emigram para se educarem e depois retornam a terra natal considerando a si próprios como superiores aos seus conterrâneos. Ao criar personagens que, em diferentes circunstâncias passam por esse tipo de deslocamento, Tayeb Salih aborda com propriedade os conflitos inerentes ao choque entre culturas.

1.1 Conflitos que antecederam o processo de independência no Sudão

A República do Sudão, formada em 1956, manteve após a independência os limites territoriais do Sudão Anglo-Egípcio e tem sido assolada por conflitos políticos e religiosos. Historicamente, árabes e africanos vivenciaram o nacionalismo sudanês de duas formas individuais. Como consequência política do período do Reino Fonj (1504-1821), uma diferenciação racial entre árabes e africanos surgiu no Sudão. Logo após a queda do Reino os árabes foram autorizados a traficar africanos na condição de escravos, e dessa forma quase todas as famílias árabes da região central do Nilo possuíam escravos comprados nas regiões sul e oeste do país. (IDRESS, 2012, p. 117).

Segundo Suleiman (2007 *apud* IDRESS, 2012, p. 117), os cidadãos árabes do Sudão consideravam os cidadãos africanos racialmente inferiores. Por sua vez, Gasmelsid (2008 *apud* IDRESS, 2012, p. 11) explica que “desde a independência, os sucessivos governos nacionalistas falharam em livrar os cidadãos árabes e africanos de seu ódio mútuo.” Esclarece ainda que o período pós-independência no Sudão é repleto de contradições, como a crença ilusória de que o povo sudanês era árabe e não africano. Ainda sobre essa ilusão, ele postula: “O Estado Nacional do Sudão fora estabelecido de forma que os cidadãos africanos fossem consequentemente desprovidos de especificidades e direitos culturais, sociais, políticos e econômicos.” (GASMELSID, 2008, *apud* IDRESS, 2012, p.11). As injustiças sociais e culturais as quais os cidadãos africanos foram sujeitados, segundo o crítico, foram um gatilho para uma série de revoltas e insurreições. Essa condição mostra que tanto os árabes como os africanos se veem de formas distintas e suas percepções da nação a qual pertencem é, portanto, manchada por um sentido racial constituído nacionalmente por senhor e escravo.

Decorrente do motim realizado pelos sudaneses do sul, em 1955, em que os cidadãos árabes foram seletivamente mortos, o medo de que os africanos perdessem seu sentido de pertencimento à nação fez com que romancistas e

poetas se envolvessem nos debates sobre a identidade sudanesa. Tayeb Salih contribuiu para o debate ao escrever *Tempo de migrar para o norte*, na medida em que aborda a ideia da nação sudanesa narrando as diferenças dos indivíduos, o processo de forjar um sentido de comunhão entre os membros da nação, o desafio de reinventar a diferença e o perigo da fragmentação. O romance gira em torno do impacto do colonialismo britânico e da modernidade europeia nas sociedades rurais africanas em geral e particularmente na cultura e identidade sudanesas.

1.2 A figura do retornado e o seu impacto nas relações interculturais

Tempo de migrar para o norte é narrado em primeira pessoa e abrange acontecimentos que têm como pano de fundo o Sudão do início do século XX até a década de 50, recém-saído do colonialismo britânico, porém economicamente dele dependente. Durante o período colonial, as assimetrias resultantes da relação colonizador/colonizado fizeram do estrangeiro colonizador um modelo a ser seguido. Os sudaneses que se distinguiam de alguma forma dos seus compatriotas eram compelidos a dirigir-se à metrópole em busca de conhecimento e sucesso profissional. Ao adotar o *modus vivendi* do colonizador europeu, os ex-colonizados passavam a ser vistos como migrantes assimilados. Entretanto, o sucesso obtido não era suficiente para conferir-lhes aceitação na sociedade com a qual interagem, o que fazia com que muitos optassem pelo retorno à terra natal, condição esta que os condicionava ao papel de migrantes também em seu lugar de origem. O processo de reconfiguração e reordenamento identitário e territorial decorrente da imigração repete-se no retorno. Segundo Thiago Romeu de Souza (2015, p. 19), “os retornados não só reconfiguram o quadro populacional dos lugares de origem, mas, sobretudo, os geossímbolos (BONNEMAISON, 2012), o imaginário social e as relações de poder, reestruturando o espaço destes lugares.

O romance de Salih focaliza a figura do retornado de dois modos distintos, por meio do narrador anônimo e de Mustafa Said, personagem em torno da qual a trama é construída. O primeiro, após sete anos na Europa para obter o grau de doutor em literatura inglesa, retorna à aldeia onde nasceu, Wad Hamid, repleto de saudade e ansioso por reencontrar parentes e amigos. Volta desejoso de fazer algo por seu país, muito embora o encontre dilacerado politicamente.

O segundo, envolto em uma aura de mistério, retorna ao Sudão, porém não para radicar-se em Cartum, em cujas proximidades nasceu. Após uma breve atuação no comércio, decide ser agricultor e, sem planejamento prévio, aporta na vila onde a história se passa. Muito embora, Said demonstre apreço pelos locais e tenha, inclusive, constituído família ali, há uma lacuna no que diz respeito ao seu passado, que, embora pareça não ser relevante para os moradores da aldeia, não escapa ao olhar arguto do narrador.

Há uma diferença de comportamento evidente entre ambos. O narrador não esconde o orgulho que sente pela sua trajetória acadêmica e a deferência que espera que ela lhe proporcione na aldeia natal, como demonstra a passagem a seguir:

“Disseram que consegui um título importante. Como se chama mesmo? Doutorado?”

Pergunta-me como se chama. Não gostei disso, pois estava convencido de que os dez milhões de habitantes do país, todos eles, já deviam ter ouvido falar do meu êxito.

[...] “Doutorado. Isso é algo grande.”

Disse-lhe, com falsa modéstia, que a questão se resumia a ter passado três anos pesquisando a vida de um poeta inglês desconhecido. Irritei-me, não escondo de vocês que me irritei quando o homem riu às gargalhadas e disse:

“Aqui nós não precisamos de poesia.” (SALIH, 2008, p. 13).

Esse diálogo travado entre o então desconhecido Mustafa Said e o narrador mostra que o título é um dado irrelevante, que não exerce influência no cotidiano das pessoas que ali vivem. O excerto revela, entretanto, não apenas a vaidade do detentor do título, como também o seu alheamento da realidade e dos valores dos aldeões.

Por outro lado, a discrição de Said aguça cada vez mais a curiosidade do narrador. Curiosidade que só se desfaz quando o outro, subitamente, decide lhe contar a sua história. Seu pai morrera antes de ele nascer e a vida se tornara difícil para ele e sua mãe, com quem tinha uma relação distante ao ponto de compará-la a uma pessoa estranha que encontrasse por acaso em uma estrada (SALIH, 2008, p.14). Se por um lado esse distanciamento criava um tipo de carência afetiva, por outro, proporcionava-lhe extrema liberdade, o que possibilitou a sua escolha de ingressar na escola e descobrir a sua incrível aptidão para aprender.

Graças ao seu desempenho, fora orientado pelo diretor a sair do Sudão e continuar os estudos no exterior. Com a ajuda dele, frequentou gratuitamente uma escola no Cairo e, posteriormente, obteve uma bolsa para estudar na Inglaterra. Ao partir, despediu-se da mãe sem lágrimas, nem abraços e aquele foi seu último encontro.

A frieza da personagem é construída na narrativa paulatinamente. A princípio, mostra-se como a ansiedade de um menino que tem a ambição de se tornar alguém importante, de escapar da invisibilidade que a sua condição social lhe impunha. Posteriormente, começa a se delinear como vaidade pessoal:

Tinha quinze anos, mas parecia ter vinte, cheia de mim, feito bolsa d’água estufada. Para trás havia deixado uma história de sucesso escolar, Minha única arma afiada estava dentro do crânio e um sentimento frio e gélido repousava no meu peito, como se ele fosse moldado de rochas[...] durante toda a viagem, tive a sensação de não pertencer a nenhum lugar de estar sozinho, rodeado pela eternidade ou pelo nada. (SALIH, 2008, p.30).

Sua facilidade para falar inglês fora sua aliada desde o princípio, causando admiração aos professores e inveja aos colegas. Mais tarde, tornara-se um poderoso instrumento, conforme mostra a passagem a seguir: “Minha mente era uma faca afiada, mas essa língua não era a minha. Aprendi a usá-la com eloquência depois de muita prática” (SALIH, 2008, p.31). O idioma torna-se, assim, um meio de superação do sentimento de subalternidade a que Fanon (2008) se refere em *Pele negra, máscara branca*:

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negritão, seu mato, mais branco será. (FANON, 2008, p. 34).

Na Inglaterra, Said obtém o título de doutor e passa a ensinar economia na Universidade de Oxford. Logo, ele se torna conhecido no cenário político e literário inglês, associando-se a boêmios de esquerda, conquanto secretamente se ressentisse da visão deturpada que tinham da cultura oriental. Entretanto, ele mesmo exagerava ao falar de suas raízes africanas, inventando histórias mirabolantes que pareciam ser muito eficientes no seu relacionamento com as mulheres: “Era capaz de tudo para levar uma mulher para a cama. Depois, partia atrás de outra caça. Não havia em minha alma um pingo de alegria” (SALIH, 2008, p.36).

A tragédia na vida de Said deriva de sua própria vaidade e aparente insensibilidade diante da vida. Após envolver-se com várias mulheres — duas das quais cometem suicídio quando ele as abandona—, Said encontra aquela que representará um desafio, não apenas por não se deixar impressionar pelo seu discurso falacioso, mas por ser tão insensível e dominadora quanto ele: Jean Morris.

Desde a primeira vez em que a vira, ela demonstrara desprezo por ele. Na segunda vez, ela o ofendera dizendo: “Você é feio, nunca vi ninguém mais feio do que você” (SALIH, 2008, p.31). Desde então, ele jurou a si mesmo que a faria pagar por isso. A vingança torna-se, assim, uma obsessão. Após três anos de uma relação de atração e repulsa, ela cede ao pedido dele e se casam, porém o casamento não resulta na vitória de Said, como demonstra a passagem a seguir:

Casei-me com ela. Meu quarto transformou-se num campo de batalha e minha cama, num pedaço do inferno. Quando a tocava, era como se tocasse uma nuvem, como se deitasse com um cometa, como se montasse um cavalo militar prussiano. Havia sempre um sorriso amargo estampado em seus lábios. Eu passava a noite acordado, travando batalhas com arcos e espadas, com

lanças e flechas, e de manhã voltava a deparar com o mesmo sorriso e constatava que havia perdido a batalha mais uma vez (SALIH, 2008, p. 35).

Durante trinta anos, Said viveu em Londres, relacionando-se desvairadamente com mulheres ocidentais, como se de alguma forma esse fosse o exercício de uma vingança do colonizado contra o colonizador, que sempre representou o Oriente como culturalmente e intelectualmente inferior. Said se sente em uma posição de controle e poder para subjugar o ocidente de acordo com a sua própria vontade e ratifica esse pensamento quando exerce seu poder sobre as mulheres ocidentais (IDRISS, 2012).

Como Danielle Tran (2010) aponta no artigo “An exploration of the use of colonial discourse within Mustafa Sa’eed’s interracial relationships in Season of Migration to the North”, desde o século XIX, havia uma preocupação crescente no Ocidente com as diferenças raciais e a miscigenação, dando origem à ideia de que as relações inter-raciais levariam à degeneração da raça branca e deveriam, portanto, ser vistas como um ato de perversão social. Na década de 1920, período em que Said começa a sua cruzada sexual contra o Ocidente, uma sólida hierarquia social fora estabelecida, mantendo os negros em condição subalterna, independentemente do seu nível cultural.

A autoestima de Mustafa sempre o impedira de colocar-se no espaço social a ele destinado. Para isso, concorria o fato de que, aos poucos, a sociedade ocidental começou a associar a negritude à sexualidade, juntamente com a ideia de exotismo, fazendo com que o negro africano passasse ao imaginário da mulher Ocidental como um Outro atraente (GILMAN, 1985, p.109-110). Segundo as palavras de Tayeb Salih: “Mustafa quer infringir à Europa a degradação imposta ao seu povo. Ele quer estuprar a Europa metaforicamente”¹ (BERKLEY & AHMED, 1982, p.15-16, *apud* TRAN, 2010, p. 7- Tradução nossa).

Apenas em seu relacionamento com Jean Morris o peso da subalternidade o afeta, pois ela não perde qualquer oportunidade de humilhá-lo, de mostrar a sua superioridade. Morris, diferentemente das outras mulheres, está ciente das artimanhas de Said e o desafia provocativamente quando ele lhe diz que irá matá-la: “Você, meu belo, não é do tipo que mata” (SALIH, 2018, p. 155). Desta forma, Mustafa Said se sente “vexado, sozinho e perdido” (SALIH, 2018, p. 155), especialmente quando Jean Morris anuncia que o odiará até o dia de sua morte. Ele se sente novamente como um escravo, uma presa do ocidente. Em meio a uma relação sexual ele a mata, porém não tem coragem de pôr fim à própria vida.

Durante o julgamento, todos os relacionamentos com outras mulheres, alguns utilizando uma falsa identidade, vêm à tona. Surpreendentemente, pessoas que deveriam estar depondo contra ele, o inocentam, como o pai de Ann Hammond, uma jovem que se suicidara por causa dele.

Seu professor Forster-Keen, na tentativa de livrá-lo da forca, o apresenta como vítima do embate entre dois mundos: “Mustafa Said é um homem nobre, cuja mente foi capaz de assimilar a civilização ocidental, mas essa mesma lhe destroçou

o coração” (SALIH, 2008, p.34-35). A sentença é de sete anos de prisão, ao fim dos quais, Said retorna ao Sudão.

Um aspecto de extrema relevância é o fato de que, ao contrário do narrador, que negocia sua identidade entre culturas, absorvendo do Ocidente aquilo que seria valioso no seu retorno ao Sudão, Mustafa Said parte para a Inglaterra rejeitando de todo as próprias origens, na esperança de ser aceito como igual pela sociedade europeia. Assim como o narrador, passa por um processo de reconfiguração identitária, porém, ao final, encontra-se na posição de um forasteiro, rejeitado por dois mundos.

Said representa uma geração de sudaneses que, sob o efeito do colonialismo, sofreu a perda da identidade, ao mesmo tempo em que resistiu à assimilação aos valores culturais do colonizador; ou seja, é metaforicamente o produto da ruptura histórica produzida pela colonização nas sociedades orientais. Sua inteligência, o seu excelente domínio do inglês renderam-lhe o apelido de “inglês negro” entre seus pares, prova cabal de rejeição. A falta de raízes e de laços familiares afetivos foi determinante para o seu interesse em migrar para a Europa. Há críticos que associam a falta de afetividade da mãe de Mustafa Said a uma representação também metafórica de uma terra que se vê esvaziada de seus valores (AL HILALI; AL-AKSAR; ALMASWARI, 2017, p.5).

Ainda que, segundo o relato de alguns personagens, como Mahjub, tenha contribuído para a melhoria da vida dos aldeões, Said é visto como um *outsider*, alguém cuja origem e história são desconhecidas. Não deixa de ser intrigante o fato de que o narrador, um desconhecido, tenha sido eleito como ouvinte das revelações de Said, mas esse fato se explica parcialmente à medida que a narrativa evolui.

O desaparecimento de Mustafa Said ao final, em uma das cheias do Nilo, após deixar uma carta designando o narrador como tutor de seus filhos, sugere que as experiências vividas na Inglaterra ainda o assombravam a ponto de impedi-lo de levar uma vida normal no Sudão. Durante o seu julgamento, enquanto muitos testemunhavam em sua defesa, desejava que o sentenciassem à força, pondo fim à farsa de sua existência, conforme demonstra a seguinte passagem: “pensei em levantar e gritar: “Esse Mustafa Said não existe, é uma ilusão, é uma mentira, e eu lhes peço que sentenciem essa mentira à morte” (SALIH, 2008, p. 34). Seu suposto afogamento, que não é descrito no romance, parece ser fruto da inadequação, da impossibilidade de pertencer verdadeiramente a algum lugar. A sua incapacidade de definir-se identitariamente é simbolicamente representada pelo acúmulo de lembranças da sua passagem pela Europa, como os retratos das ex-amantes e da primeira esposa, e a incompreensível presença de uma lareira ao estilo inglês em um quarto secreto que mantém em sua casa, erigida em um país equatorial. Said verbaliza essa ausência de pertencimento nas suas últimas palavras dirigidas ao narrador: “coisas misteriosas na minha alma e no meu sangue me impelem para regiões remotas” (SALIH, 2008, p.66).

Por sua vez, o narrador, a par do seu desejo de contribuir para a evolução de seu país, não demonstra ser seguro o suficiente para defender as próprias ideias. Suha Kudsieh (2003, p. 210) afirma que o dilema dos orientais educados no

Ocidente, representados pelo narrador anônimo, é que eles retornam aos seus países com o legado da educação que receberam e defrontam-se com uma sociedade que ainda vive sob o jugo da tradição e do mito. Diante disso, ao invés de lutar pelo desenvolvimento, eles sucumbem e se tornam passivos.

Quando se torna tutor dos filhos de Said, após o desaparecimento deste, o narrador se descobre envolvido emocionalmente com a viúva de Said, Hosna, e intimamente sabe que se não interferir na situação criada pelo pedido de casamento do septuagenário Wad-Irrayis, estará sentenciando a jovem viúva a uma vida infeliz. Entretanto, não é capaz de ceder à sugestão do amigo Mahjub e tomá-la como esposa. O peso da tradição monogâmica de sua aldeia — e talvez a influência de seu contato com o Ocidente— o faz rejeitar a ideia.

Enquanto está envolvido com a organização de um congresso com vistas à unificação dos currículos escolares no continente, o narrador é chamado às pressas à aldeia, onde descobre que, obrigada pelo pai a casar-se com Wad-Irrayis, Hosna não havia suportado a violência deste ao tentar submetê-la sexualmente e o matara, suicidando-se em seguida.

Apesar de julgar retrógrados os costumes que impõem à mulher sudanesa uma posição de subalternidade social, o narrador não foi capaz de defender seu ponto de vista quando teve chance, cedendo ao senso comum, como mostra a passagem a seguir:

“E se ela não quiser se casar?”

“Você sabe como são as coisas aqui”, interrompeu-me, “a mulher pertence ao homem e o homem é quem manda, mesmo se for decrépito.”

“Mas e se ela não quiser se casar...?”

Mesmo nos tempos atuais”, interrompeu-me novamente. “O mundo não mudou tanto quanto você pensa.” (SALIH, 2008, p. 92-93).

Do mesmo modo, evitou falar de sua experiência no Ocidente, retratando a sociedade europeia tal como a via, por receio de não ser compreendido pelos conterrâneos. Sua experiência intercultural ensinara-lhe que a construção da alteridade — bem como a exclusão dela derivada — é fruto de um pensamento essencialista, desprovido de qualquer base de validade.

Se um dia pensara que retornar a casa resolveria dentro de si as contradições derivadas do colonialismo, após a morte de Hosna, descobre que sua terra natal não corresponde à visão idealizada que havia mantido ao longo dos sete anos de ausência. Hosna é a personagem que efetivamente desafia as normas. Ao rebelar-se contra o marido que lhe fora imposto, assassinando-o, ela desfere um golpe contra a tradição (MAKDISI, 1992, p. 819). A comunidade local, entretanto, não capta a mensagem, culpando-a pelo terrível acontecimento. Apenas o narrador percebe o significado da tragédia:

“Hosna não era louca”, disse eu, esforçando-me para não chorar, “era a mulher mais lúcida da aldeia. Vocês são os loucos. Era a mulher mais lúcida, e a mais formosa, da aldeia. Hosna não era louca!” (SALIH, 2008, p. 121).

Em *Tempo de migrar para o norte*, a figura do retornado é exposta dessa forma bipartida. Tayeb Salih busca demonstrar como o contato com o Ocidente exerce influência sobre os orientais. Cada um a seu modo, o narrador e Mustafa Said renegam a cultura ocidental e tentam refazer suas vidas no Sudão. O primeiro por acreditar que, de alguma forma, o conhecimento adquirido possibilitaria algum tipo de desenvolvimento em sua terra natal, além de proporcionar-lhe distinção; o segundo, porque, não tendo nenhum tipo de ancoragem ou vínculo afetivo com o Sudão, foi capaz de enxergar com clareza como as ex-colônias continuavam economicamente dependentes dos colonizadores. Seu retorno consistiu em uma tentativa de apagamento de sua experiência no Ocidente e de sua malsucedida tentativa de retribuição.

A falência da vingança de Mustafa Said está simbolicamente representada em um caderno que o narrador encontra, em que há, na primeira página, o título “História da minha vida- Mustafa Said”. A dedicatória é significativa: “Àqueles que enxergam com um olho só e falam uma única língua. Àqueles que veem as coisas pretas ou brancas, orientais ou ocidentais.” (SALIH, 2008, p. 137), entretanto, as páginas estão todas em branco. Essa lacuna proposital pode ser interpretada de diferentes modos: como a ausência do sentimento de pertença, mas também como repúdio à concepção binária gerada pelo olhar hegemônico, incapaz de reconhecer a diversidade, conforme sugere a dedicatória.

O fato de a história ser narrada em primeira pessoa, de certa forma, põe em xeque a confiabilidade do narrador em relação ao relato, principalmente quando ele deixa entrever seus sentimentos contraditórios em relação ao protagonista. Muito embora culpe Mustafa Said por todos os acontecimentos trágicos e mudanças na aldeia, intimamente, o narrador sabe que ambos são o produto híbrido do contato entre culturas. Seu conturbado relacionamento com Said deixa-lhe, ao menos, um legado: o conhecimento de si. No último capítulo, quase inconscientemente, ele entra no rio e começa a nadar na direção do norte, como se desejasse emigrar novamente e desobrigar-se da responsabilidade para com o seu povo. Prestes a se afogar, tem um momento de lucidez:

Pensei que se morresse naquele momento teria morrido da mesma forma que nasci: sem minha vontade. Durante toda a minha vida, nunca escolhi, nem decidi. Estou decidindo agora. Eu escolho a vida. Quero viver porque existem algumas poucas pessoas com quem gostaria de passar o maior tempo possível, porque tenho deveres a cumprir. Não me importa se a vida tem sentido ou não. Se não sou capaz de perdoar, tentarei pelo menos

esquecer [...] com toda a força que me restava, gritei, feito um ator cômico num palco: “Socorro!” Socorro!” (SALIH, 2008, p. 151).

Pela primeira vez, ele se sente apto a agir por si mesmo e, provavelmente, se reconhece como um híbrido cultural, não mais iludido com a visão idílica que o expatriado tem da terra natal. Embora não tenha percebido desde o início, ele também fora profundamente afetado pelo contato entre culturas. Somente a história pessoal de Mustafa Said faz com que finalmente perceba a natureza da contaminação do poder colonial (GEESEY, 1997, p. 129). O romance não nos deixa entrever se haverá ou não socorro efetivo, mas sugere que, caso sobreviva, o narrador tentará conciliar os referenciais de dois mundos.

Considerações finais

Tempo de migrar para o norte é um romance que aborda de modo inusitado e lúcido o legado do colonialismo. Seu autor elabora uma crítica não apenas dos problemas decorrentes do tradicionalismo da sociedade sudanesa, como também confronta o caráter contraditório dos intelectuais árabes contemporâneos, que secretamente cultivam uma admiração pelo liberalismo da cultura Ocidental, sem ousar fazer algo para amenizar o sofrimento e a miséria do seu povo.

A emblemática passagem do romance em que o narrador olha sua própria imagem em um espelho e imagina que seja Mustafa Said é reveladora. Como intelectuais, nenhum dos dois teve uma participação efetiva na comunidade em que viviam. No momento em que o narrador penetra no quarto secreto de Said, ele vê que tudo ali se reporta à cultura ocidental, que a imagem de agricultor pacato era apenas uma *performance*. Quando suas imagens se misturam no espelho, o narrador se assusta ao ver a semelhança entre ambos. Repentinamente, percebe em si mesmo tudo o que condena em Said.

Finalmente, Tayeb Salih utiliza a figura do retornando para discutir questões que se mostravam cruciais ao tempo da escrita do romance. Híbridos culturais, o narrador e Said são passageiros do terceiro espaço, incapazes de uma adesão absoluta a qualquer uma das culturas a que foram expostos. Para Said, essa impossibilidade resultou em morte. Para o narrador, resta a diferença como devir, a transformação do se olhar sobre si e o outro, condicionada, entretanto, a um socorro que não se sabe se virá.

Notas

¹ Mustafa wants to inflict on Europe the degradation which it had imposed upon his people. He wants to rape Europe in a metaphorical 'fashion'.

AL HILALI, R.; AL-AKSAR, M.; ALMASWAR, M. Quest for Identity in *Season of Migration to the North* and *Song of Solomon*: A comparative Study of Mustafa Saeed and Milkman. *Journal of Humanities and Cultural Studies R&D*. v..2, N.6|12, p.1-20, November 2017.

ASHCROFT, B. et al. *Key concepts in post-colonial studies*. London: Routledge, 1998.

BHABHA, Homi. A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. In: BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Reis e Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 105-138.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: EDUEM, 2009.

CARREIRA, Shirley. A representação do outro em tempos de pós-colonialismo: uma poética de descolonização literária. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, Duque de Caxias*, v. 2, n. 6, julho-setembro 2003. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/425/417> Acesso em 27 out. 2018.

GEESEY, Patricia. Cultural Hybridity and Contamination in Tayeb Salih's "Mawsim al-hijrila al-Shamal (Season of Migration to the North)". *Research in African Literatures* Vol. 28, No. 3, p. 128-140, Autumn 1997.

GILMAN, Sander. *Difference and Pathology: Stereotypes of Sexuality, Race and Madness*. London: Cornell University Press, 1985.

GRAMSCI, A. *O Risorgimento, notas sobre a Itália*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

IDRESS, Yahya Ali Abdullah. Season of migration to the north and the story of the Sudanese nation: hopes and impediments. In: *Journal of English and Literature*. v. 3. n. 6, p. 117-124, 2012. Disponível em: <http://www.academicjournals.org/IJEL> Acesso em: 13 out. 2019.

KUDSIEH, Suha. *Season of Migration to the North: (Be)longing, (Re)location, and Gendered Geographies in Modern Arabic Travel Narratives*". In: BOER, Inge ed., *After Orientalism, Critical Entanglements, Productive Looks/Thamyris*, Amsterdam: Brill, 2003.

MAKDISI, S.S. The Empire Renarrated: *Season of Migration to the North* and the Reinvention of the Present. *Critical Inquiry*. v.18, n. 4, p. 804-820, 1992. Disponível em: www.jstor.org/stable/1343831. Acesso em: 30 jan. 2020.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador*. Trad: Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Editora: Civilização Brasileira, 2007.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SALIH, Tayeb. *Tempo de migrar para o norte*. São Paulo: Planeta, 2004.

SOUZA, Thiago Romeu de. *Lugar de origem, lugar de retorno: a construção dos territórios dos migrantes na Paraíba e São Paulo*. Tese de doutorado. 2015. 265 f. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Tradução: Sandra R. Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TRAN, Danielle. An exploration of the use of colonial discourse within Mustafa Sa'eed's interracial relationships in Season of Migration to the North. *E-Sharp*, v.16, *Politics & Aesthetics*, p. 1-20, 2010.

Para citar este artigo

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes; BEZERRA, Paulo Antunes. Vivendo no terceiro espaço: uma análise das relações interculturais em Tempo de migrar para o norte, de Tayeb Salih. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 9, n. 3, p. 395-409, set.-dez. 2020.

Os autores

Shirley de Souza Gomes Carreira é Doutora em Literatura Comparada, Professora Adjunta do Curso de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Docente permanente do Curso de Mestrado em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ. Líder do Grupo de Pesquisa CNPq Poéticas da diversidade. Procientista UERJ/FAPERJ. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: shirleysgcarr@gmail.com

Paulo Antunes Bezerra é bolsista de Iniciação Científica da Faperj. Graduando do curso de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: paulodeszcz@gmail.com